

Série:
Comunicação Cultural

9

CULTURA POPULAR
COMUNICAÇÃO E CULTURA URBANA:
OSEIXOS DA COMUNICAÇÃO PARA A
CIDADANIA

Coordenador:

Luiz Roberto Alves

Pesquisadores:

Alessandra Pinto de Carvalho

Edilson Marques da Silva

Monica Pegurer Caprino

Márcia Evangelista Monteiro

Marly Damus

Lucia Deluca

Rosa Maria Ferreira Dales Nava

Ivonesio Leite de Souza

Paulo Roberto Botão

Simone Antoniaci Tuzzo

Simone Barreto de Almeida



Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
METODISTA

São Bernardo do Campo-SP

1996

Coleção "Relatos de Pesquisa"
é editada pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
da Faculdade de Comunicação e Artes
do Instituto Metodista de Ensino Superior

Trata-se de estudos desenvolvidos por docentes e alunos de disciplinas integradas nos cursos de Mestrado e Doutorado

Linhas de pesquisas traduzidas em Séries desta Coleção:

Comunicação e Cidadania - Profa. Dra. Joana T. Puntel
Comunicação para o Desenvolvimento - Prof. Dr. José Marques de Melo
Comunicação Cultural - Prof. Dr. Luiz Roberto Alves
Comunicação Educativa - Prof. Dr. Onésimo de Oliveira Cardoso
Comunicação Especializada - Prof. Dr. Wilson da Costa Bueno
Comunicação Interna nas Organizações - Prof. Dr. Jacques Viegneron
Comunicação Mercadológica - Prof. Dr. Gino Giacomini Filho
Estratégias de Comunicação Científica - Prof. Dr. Isaac Epstein
Estudos de Audiência - Prof. Dr. Antonio Ruótulo
Indústrias Culturais - Prof. Dr. José Marques de Melo
Mídia e Cultura Erudita - Profa. Dra. Sandra Reimão
Novas Tecnologias em Comunicação - Prof. Dr. Luiz F. Santoro

Instituto Metodista de Ensino Superior

Diretor Geral: Ronaldo Sathler Rosa

Diretor da Faculdade de Comunicação e Artes: Miguel de Abreu Rocha

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social: José Marques de Melo

IMS

Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo-SP

CEP: 09735-460

Telefone: (011) 457-3733, Ramal 1360

Fax: (011) 455-3349

COMUNICAÇÃO E CULTURA URBANA:
OS EIXOS DA COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA

Coordenação: Prof. Dr. Luiz Roberto Alves

Redação: Alessandra Pinto de Carvalho

Edilson Marques da Silva

Monica Pegurer Caprino

Márcia Evangelista Monteiro

Marly Damus

Lucia Deluca

Rosa Maria Ferreira Dales Nava

Ivonesio Leite de Souza

Paulo Roberto Botão

Simone Antoniaci Tuzzo

Simone Barreto de Almeida

Centro de Pós-Graduação em Comunicação Social

Mestrado - Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo



Comunicação e cultura urbana

Apresentação

A cidade é o cenário das revoluções industriais e a rapidez das mudanças marca sua transformação e todas as suas expectativas: a periferia reivindica e quer ser reconhecida como bairro, os centros urbanos regionais se metropolizam sem cessar, a megalópole é quase o mundo, apenas uma questão de sobrevivência e superação do passado.¹

O espaço urbano, principalmente a metrópole, tem se constituído como cenário privilegiado dos jogos de poder, quer real ou simbólico. O indivíduo é sufocado em sua espontaneidade e poder criativo. Há uma tendência, conforme alerta Henri Lefebvre, à totalização, à integração no conjunto social, com o "esmigalhamento da cotidianidade".² Contudo, o universo urbano também tem mostrado outras facetas. Nas relações, conflituosas na maioria das vezes, entre centro e periferia, capital e trabalho, cultura erudita e realidade cotidiana, as metrópoles têm sido capazes de gerar produtos de resistência. Nascidos nos movimentos sociais, na luta por melhores condições materiais no universo cotidiano, são bens culturais e simbólicos guardados pela memória coletiva e que escapam aos sistemas tradicionais de comunicação e cultura.

Comunicação e Cultura Urbana, disciplina do Centro de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior desenvolveu, no segundo semestre de 1994, pesquisa discente coletiva que trouxe esses assuntos à problematização, tentando recuperar, através da memória individual e coletiva do operariado do ABC paulista, suas ações culturais, o capital acumulado e guardado apenas na lembrança de seus sujeitos. Enfim, o que se procurou, através de um novo olhar sobre a grande cidade, foi tentar desnudar a produção simbólica de quem a torna metrópole, dos trabalhadores que têm encontrado, através desta ação cultural, novas maneiras de exercer sua cidadania.

A pesquisa - que se inclui em um projeto mais amplo intitulado A cultura operária da contemporaneidade industrial e seus indicadores para o final do século: Grande ABC-São Paulo, Gênova e Madrid, a ser levado adiante pelo Instituto Metodista e instituições dos outros dois centros urbanos - tentou levantar, ainda que de forma não conclusiva, algumas das mais importantes produções culturais do operariado no ABC. O trabalho, aqui sintetizado em seus resultados, teve como objetivo, também, recuperar a memória histórica do movimento operário da região, principalmente valorizando os depoimentos pessoais, os relatos de quem passou a produzir esse capital cultural, possibilitando novas formas de cidadania.³

Os textos aqui dispostos, a despeito da diversidade aparente, buscam recuperar valores e aprofundar situações vividas no Grande ABC, contribuindo para a criação de um painel de comunicação e cultura ainda não encerrado na experiência brasileira pós-

¹ Lucrécia D'Alessio Ferrara, Olhar periférico, São Paulo, EDUSP/Fapesp, 1993, p. 246.

² Henri Lefebvre, Introdução à Modernidade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969, p. 143.

³ A respeito dessas novas formas de cidadania, ver Luiz Roberto Alves, As culturas da cidade. Tese de Livre-Docência apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1993.

autoritarismo. Ao contrário, estamos fazendo história e construindo referências para a discussão das identidades, dos sentidos da cultura, das novas formas de organização social, enfim do Brasil que se quer novo.

Cenário de uma metrópole

Colocada na rota de passagem entre o litoral e o planalto paulista, a região da Grande São Paulo conhecida como ABC Paulista ocupa área de 742 quilômetros quadrados e tem, hoje, aproximadamente dois milhões de habitantes, distribuídos por sete cidades.

Antigo núcleo colonial no século XVI, o ABC entra para o mundo moderno e adquire características de metrópole industrial depois da Segunda Guerra Mundial, uma vez que nos primeiros trinta anos do século XX a região se organizava em torno da agricultura de subsistência, das serrarias, fábricas de carvão, indústria de tecidos, tabaco e móveis, tocado principalmente por imigrantes.

A partir da década de 50, porém, o capital internacional e multinacional instala no ABC as grandes indústrias automobilísticas, surgindo, também, as de material de transporte, químico-farmacêutica e da construção civil. Surgem, contudo, espaços crescentes de marginalização social, dependência cultural da capital paulistana e um processo migratório que resulta em 20% da população morando em favelas.

O antigo município que unia toda a região se fragmentou em sete cidades autônomas onde se, por um lado, se desenvolveu um modo oligárquico, familiar e personalista de poder, marcado pelo clientelismo, por outro, pode germinar, desde cedo, uma forte organização social e sindical, de onde surge fértil produção cultural e os operários têm conseguido superar a desintegração física e simbólica.

Nesse panorama, a cidade de São Bernardo tem se destacado e tomou a ponta de movimentos sociais e sindicais, principalmente no final da década de 70 e início dos anos 80, quando ali surgiu o que passou a ser conhecido como o novo sindicalismo. O sindicato dos metalúrgicos da cidade assume, a partir de 1977, "um papel de vanguarda política no enfrentamento ao regime militar, de revogação, na prática, da legislação sindical fascista".⁴ Marcada pela presença das indústrias automobilísticas, a cidade, naquele período, vê trocada sua epígrafe de "capital do automóvel" para "Capital social do Brasil" e "República de São Bernardo" dada sua importância, naquele momento, na cena política nacional.

Mas os acontecimentos do final da década de 70, quando milhares de pessoas saíram às ruas em São Bernardo durante as greves dos metalúrgicos, estão, como já foi citado, no contexto de importantes antecedentes históricos.

No grande município composto pela região do ABC e chamado São Bernardo até 1938 e que recebeu o nome de Santo André de 38 a 44, os movimentos sindicais tiveram sempre força. Aliás, greves começam a ser registradas na região em 1902, conforme relata o jornalista Ademir Médici, mencionando, porém, que os livros geralmente colocam esse marco em 1906.

⁴ Aloizio Mercadante(coord) e Luís Flávio Rainho (coord) e outros, *Imagens da Luta- 1905-1985, São Bernardo do Campo, Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, 1987.*

De qualquer forma, desde o início de sua história, marcado pela imigração principalmente italiana e com influência de correntes anarquistas, São Bernardo sempre teve registros de movimentações sindicais. Afinal, nas primeiras décadas do século XX, o operariado da região crescia a cada dia. São tecelões, marceneiros, carpinteiros, pedreiros, etc.⁵

Surgida no berço do anarco-sindicalismo, a mobilização operária começa a tomar contornos através de organizações surgidas na década de 30, embora fiquem, a partir daí, sob marca da tutela do Estado paternalista e assistencialista da Era Vargas. Surgem vários sindicatos: dos têxteis, dos químicos e dos metalúrgicos, primeiro em Santo André e depois em São Bernardo, nascido como associação em 1959 e oficializado como sindicato em 1961, conforme relata Ademir Médici.

Chega 64 e instala-se a ditadura, surgindo um período de grande repressão a qualquer manifestação do operariado, principalmente os movimentos grevistas, que passam a ser proibidos através da Lei nº 4.330. Entretanto, o trabalho dos sindicatos continua. Volta-se ao assistencialismo, desvinculando-se das lutas no espaço das fábricas. "Apesar de todas as limitações, o Sindicato de São Bernardo diferenciava-se da média, continuando a reivindicar e a pressionar os patrões".⁶

Mas o panorama do movimento social e sindical do ABC começa mesmo a se modificar em 1977. Luís Inácio Lula da Silva já era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema e começa a se projetar como líder, elegendo, naquele ano para seu segundo mandato à frente da entidade. A grande bandeira de luta naquele ano seria a reposição salarial de 34,1%. Chegara-se a esse número como a quantificação da perda dos trabalhadores desde 1973, período em que o governo maquiara índices inflacionários. A campanha de reposição nada consegue de concreto mas traz resultados simbólicos importantes. Pela primeira vez, ministros de Estado recebem representantes de entidades sindicais para tratar de vários assuntos, além da reposição. Marca a possibilidade dos operários fazerem sua voz ser ouvida, negociando diretamente o poder, tanto estatal como empresarial.

A mobilização e conscientização da categoria vai aumentando até culminar na primeira grande greve a aconteceu pós-ditadura militar. Em 1978, os trabalhadores da Saab-Scania, de São Bernardo, entram na fábrica mas não trabalham. O fato era tão inusitado que gerentes, ao se depararem com as máquinas paradas, pensaram tratar-se de falta de energia elétrica.

A movimentação atinge outras empresas paralisando fábricas em todo ABC. Mas o movimento maior, de fato organizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, surge no ano seguinte, com a greve geral da categoria. Entre idas e vindas, a paralisação termina mas deixa ensinamentos para 1980, quando os metalúrgicos voltam à greve geral, desta vez de forma mais organizada, deixando paradas as máquinas por 41 dias. A greve acaba com a intervenção federal no Sindicato mas deixa como saldo líderes que saem do espaço sindical para a vida política, que é retomada com o fim do bipartidarismo.

⁵ Uma breve história das movimentações sindicais em São Bernardo nas primeiras décadas do século está em Ademir Médici, Sueli Pinheiro, *1º de maio e os principais momentos da luta sindical em São Bernardo*. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1990, p. 19-31.

⁶ Médici, op. cit., p. 49.

A conquista do espaço público

Além da organização do operariado, o que mais chamou atenção nesses dois anos de intensa movimentação no ABC e, principalmente em São Bernardo, não foi simplesmente o fato de milhares de trabalhadores cruzarem os braços mesmo estando em vigor uma lei que proibia greves. O que espantou a alguns e encantou a outros foram as grandes manifestações públicas ocorridas naquele período. Milhares de pessoas saíram as ruas, tomando conta da praça matriz de São Bernardo, das ruas da cidade, do Paço Municipal e, principalmente, do Estádio de Vila Euclides, que surge como local das assembleias porque a sede do sindicato já não mais comporta o grande número de trabalhadores. Estudiosos e testemunhas do período garantem que algumas assembleias reuniram mais de 100 mil trabalhadores no estádio. Em vez de gol, gritava-se "a greve continua". Nas festas de 1º de maio, a cena se repetia. Era momento não de comemoração mas de luta.

Seja nas assembleias, seja nas comemorações de 1º de maio, o que estava em jogo era a nova conquista do trabalhador sobre o espaço público. Ele deixa os seus domínios, o espaço da fábrica a que fora relegado, principalmente nos anos de ditadura militar, e ganha as ruas de sua cidade. Ocupa praças, demonstra sua existência. Vira notícia de jornal, peça de teatro, personagem em fotografias. Surge um sujeito coletivo, como destaca Eder Sader.⁷

Esse novo momento do sindicalismo brasileiro, já estudado por alguns pesquisadores, traz, além dos fatos políticos e históricos muito ricos, também conotações simbólicas diferenciadas e produtos culturais interessantes a serem analisados. Como foi detectado por essa pesquisa, surgem jornais para realizar a comunicação entre os trabalhadores, principalmente no período de greve; aparecem grupos de teatros como o FORJA, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Operários se transformam em agentes da ação cultural, como é o caso do fotógrafo Januário Fernandes da Silva, que passa a registrar os fatos marcantes do cotidiano do operariado que o rodeia. Na luta por melhores condições de vida, os operários atuam de diversas formas, seja em movimentos como a Juventude Operária Católica, seja através da vida político-partidária, fazendo com que se tenha, a partir de 1982, um grande número de «candidatos operários», produtores, também, de seu próprio material cultural e comunicacional.

A fotografia como documento de expressão cultural do operário do ABCD

A fotografia foi um dos objetos de registro da história da classe operária do ABCD. Considerando que a imagem comunica mais que o texto, as imagens dos trabalhadores do ABC paulista (particularmente da cidade de São Bernardo do Campo) marcam sua trajetória ao longo do tempo. A fotografia tem sido o ponto de partida dos *mass media*, no desempenho de uma função todo poderosa nos meios de comunicação. Após o desenvolvimento da fotografia jornalística esta passou a ser um instrumento

⁷ Eder Sader, *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

político, servindo de veículo para expressar sua ideologia, os problemas de sua época, seus próprios sentimentos, suas idéias e ideais através da imagem, não apenas um meio de sobrevivência.

Dentro desse contexto deparamo-nos com a história de um "peão", hoje repórter fotográfico do movimento sindical. Januário F. Silva nasceu em São Bernardo do Campo (SP) em 1953, filho de migrantes vindos de Minas Gerais (mãe dona de casa e pedreiro). Já aos treze anos iniciou sua participação na política em busca da justiça e liberdade. Tentativa de reverter sua infância pobre e sofrida. Adolescente ingressou no movimento estudantil e no Movimento da Igreja Católica, a JOC (Juventude Operária Católica). O envolvimento político, nos anos 70, obrigou-o a deixar os estudos. Trabalhou cerca de cinco anos na clandestinidade, sem nunca ter lutado pelo poder, preferindo ser "fermento na massa".

Em 1975 ingressou na empresa automobilística Ford, como operário. Em 1978 participou da primeira greve, envolvendo-se direta e oficialmente com o Sindicato. Fato gerador de conflito em família, culminando com sua expulsão de casa por parte do pai. Em 17 de julho de 1981, 450 trabalhadores foram demitidos da Ford. A partir daí, 14 nomes foram indicados para constituir a Comissão de Fábrica, entre eles: José Carlos Brito, Jair Meneguelli e Januário. Durante os seis primeiros meses, funcionou apenas como uma "Comissão Provisória", que tinha como objetivos a readmissão dos trabalhadores, aumento real e estabilidade no emprego. Esta foi a primeira comissão de operários reunida após o Golpe Militar de 1964. Januário vivenciou as três intervenções realizadas no Sindicato, com a cassação do mandato de suas diretorias: 1979, 80 e 82. De 1981 a 1986, Januário foi reeleito como membro das Comissões de Fábrica, contando com mais de 90 por cento dos votos em cada eleição. Em 1986 foi excluído da Comissão de Fábrica, demitido junto com outros 20 membros, dos 24 que a constituíam. Desde o início acompanhou a luta da Central Única dos trabalhadores, participando como delegado em todos os seus congressos. Acompanhou a fundação do Partido dos Trabalhadores, com o qual colaborou, tendo sido candidatado a Deputado Estadual. Ainda hoje continua como militante. De 86 a 88, Januário trabalhou na Assessoria de Base do Sindicato dos Metalúrgicos. Por dois anos e meio esteve na Ford, bancado pelo Sindicato. É nesse período que sente a necessidade de fotos que documentassem e comprovassem a realidade do trabalhador. Pois, as fotos publicadas nos principais jornais (Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo) eram, segundo ele, "carregadas pela ideologia dominante". Resolve estudar fotografia. Em 1988 inicia um projeto de acervo fotográfico e começa a preparar outros operários para o trabalho em laboratório fotográfico dentro do próprio sindicato. Assim, o operário-fotógrafo começa um trabalho de registro histórico, acreditando que a fotografia, longe da neutralidade, documenta politicamente um aspecto da realidade. Nesse caso, a luta dos operários do ABC. Os títulos de suas fotos falam por si: "Aprendizes da Democracia", "Dia do Trabalhador. Trabalha a dor... a espera... a esperança. Se juntam buscando força", "Juntos seremos fortes". Passeatas, assembleias, conflitos e repressão militar, prisões, invasões às fábricas. São as mensagens do operário-fotógrafo. Segundo Barthes (BARTHES, R. "El Mensaje fotográfico"1970), a fotografia é uma mensagem sem código

que se constitui de uma fonte emissora, de um canal transmissor e de um meio receptor. Como outras mensagens sem código, ela traz consigo a intenção do seu criador e a sua interpretação vai acontecer a partir da cultura do receptor. Diferente do cinema e do teatro, sua mensagem se torna contínua."

O teatro no movimento operário

Pela indispensável presença e cooperação do público, o teatro é um fenômeno social, por isso mesmo, sujeito às leis e dialética históricas. O movimento operário do ABC, em sua pujança e características próprias, encontrou no teatro a perspectiva de ampliação de suas linhas de trabalho. O imaginário e as inúmeras lutas que compõem o mundo real e cotidiano dessa comunidade ganham nova expressão com a criação do Grupo Forja.

Entre as metas estavam: a luta política e o retorno do operariado à sede do Sindicato, afastando o receio criado pela repressão na época da ditadura militar. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema buscou nas fábricas material humano, formado por repentistas de cordel e pessoas que de alguma forma conheciam o teatro e desejavam participar dele. Estava nascendo um novo quadro artístico aliado a shows musicais e palestras: era o teatro o operário, auxiliando a comunicação não somente através do discurso político, mas alternativa e popular, capaz de refletir sobre seus próprios problemas.

O grupo teatral FORJA nasceu a 27 de maio de 1979, formado por operários e filhos de operários metalúrgicos. Alguns integrantes já haviam trabalhado juntos, em 1978, no esquete «O Contrato», realizado para auxiliar no esclarecimento e mobilização da categoria em torno do «contrato coletivo de trabalho». Os objetivos básicos: «1º fazer um teatro que fosse uma opção cultural de lazer para os trabalhadores; 2º cumprir a função social do teatro de fornecer subsídios para a reflexão da própria vida e realidade.»⁸ O grupo «tinha definido sua linha de trabalho: atuar no Sindicato, nos bairros e favelas onde moravam os metalúrgicos; montar peças mais elaboradas artisticamente e peças mais simples (esquetes) para auxiliar nas campanhas deflagradas pelo Sindicato.»⁹ Resultados de uma pesquisa feita para definir os rumos de seu trabalho levaram o grupo a escrever suas próprias peças: os operários queriam ver representados; problemas do cotidiano. A situação política do País, sátira aos governantes, ecologia, corrupção e liberdade.

Letras de jornal

O operário liga a TV e não se vê, abre o jornal que compra na banca e não se lê. Mesmo assim, procura ansioso notícias sobre si mesmo, e mais do que isso, espaço onde possa produzir seus próprios relatos, simbolizar sua vida. É justamente nesta expectativa de ter uma voz própria que o trabalhador produz seus próprios boletins e jornais.

⁸ Pesadelo, livreto da peça, p. 15.

⁹ Pensão Liberdade, livreto da peça, p. 10.

Inserido no contexto da metrópole onde todos perdem seu rosto, quer ver, pelo menos no jornal de seu sindicato, a cara conhecida do companheiro de trabalho, o relato de seu problema, mesmo que seja a aparentemente insignificante falta de papel higiênico no banheiro da fábrica onde trabalha. No ABC, a produção de jornais e boletins para operários tem sido grande. Quase todos os sindicatos tem, ou já tiveram, algum veículo de comunicação. Listá-los e catalogá-los, porém, não é tarefa fácil.

Não há arquivos organizados ou à disposição de pesquisadores. A maioria dos periódicos produzidos, principalmente antes da abertura política ocorrida no Brasil no início dos anos 80, tiveram que ser retirados às pressas, às escondidas dos sindicatos. A repressão de vinte anos tem mais um item para somar aos atos de violência que marcaram sua nefasta estada como poder. Para fugir à inevitável destruição do material impresso, jornalistas e operários que formavam as cúpulas sindicais, cada um a seu modo, carregaram tudo o que puderam e levaram consigo, ante a iminente ameaça e concretização de intervenção.

Assim, sabe-se que este ou aquele sindicato do ABC teve seu jornal ou boletim. Mas, a tentativa de fazer um levantamento bibliográfico das publicações desde 1950, como foi um dos objetivos desta pesquisa, é muito difícil. Mais ainda a proposta de analisá-los sob o aspecto editorial - o que implica em manuseá-los.

Para conseguir esse objetivo, há de se debater, ainda, com incorreções nas publicações que tratam do jornalismo sindical e alternativo. O livro, de Bernardo Kucinski, por exemplo, traz incorreções quanto à data de início de atividades e local de publicação do ABCD Jornal, um dos veículos analisados nesta pesquisa.

Mesmo diante das dificuldades de encontrar e /ou manusear arquivos, muitas produções podem ser analisadas, analisando os importantes aspectos, quer como instrumento de luta, quer como manifestação simbólica, que esses veículos de informação adquiriram e continuam a ter.

Jornalismo e instrumento político

À medida em que os trabalhadores se organizam e formam um sindicato - sua entidade representativa - necessitam de meios de comunicação com seus representados. Nasce, então, a imprensa sindical e torna-se, além de instrumento político, veículo de comunicação de idéias, de organização e de mobilização da classe trabalhadora nas lutas contra o poder do capital. A preocupação de operários e sindicatos de produzir seus próprios veículos de comunicação é bastante antiga. O primeiro jornal considerado eminentemente sindical foi o Jornal dos Tipógrafos, fundado em 1858, no Rio de Janeiro.¹⁰ Sem caráter político, era, porém, uma exceção dentre os primeiros veículos ligados ao mundo dos sindicatos. A maioria dos jornais assume a função de instrumento político na luta do trabalho contra o capital. O estilo panfletário do início do século, de linguagem direta e frases curtas, predomina até hoje na maioria das publicações mas a chamada imprensa sindical fechada, que, do editorial ao último quadrinho, enfoca apenas como assunto a luta por melhores salários ou convocações de greves, deu lugar, a partir de 1978, ao surgimento de uma imprensa operária mais aberta, denominada por

¹⁰ Maria Nazareth Ferreira. *A imprensa operária no Brasil - 1880-1920*. Editora Vozes, Petrópolis, 1978.

Valdeci Verdelho "nova imprensa sindical". É "uma comunicação que a partir do trabalho sindical, diretamente vinculado às fábricas, aos locais de trabalho (...) enseja uma ação transformadora da realidade política, econômica, social e cultural".¹¹

Rede subterrânea de informações

Embora já classificados como uma "nova imprensa sindical" por estudiosos e pesquisadores, os veículos de comunicação que surgem no ABC com o "novo sindicalismo" não tem sido objeto sistemático de pesquisa. Aqueles que circularam no período 1978/80, por exemplo - quando a região viveu um período de movimentação social riquíssimo, conforme já se mencionou - tem servido apenas como fonte bibliográfica para a análise e recuperação histórica do período. Esta pesquisa não encontrou nada que detivesse a atenção no processo comunicacional ou análise de seus produtos, embora esse novo momento do sindicalismo brasileiro traga, além dos fatos políticos e históricos muito ricos, também conotações simbólicas diferenciadas e produtos culturais interessantes a serem analisados.

Até então, os metalúrgicos só tinham acesso e, assim mesmo, restrito se considerar o preço dos exemplares, aos jornais produzidos pela classe dominante. Diante do avanço de seu movimento, passam a contar com seus próprios órgãos de comunicação, que adquirem, pelo menos essa é a hipótese aqui levantada, vital importância no encaminhar da luta sindical desse período.

Pode-se destacar, principalmente, três veículos utilizados para levar a cabo os objetivos da movimentação sindical e operária dos anos de 1978/79/80. Os jornais *Tribuna Metalúrgica* e *O ABCD* é o boletim chamado *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*. Na verdade, o primeiro jornal citado assume, em alguns momentos, uma posição quase secundária, embora seja o veículo oficial do sindicato.

A *Tribuna Metalúrgica* surge em 1972, em formato tablóide, papel jornal e com oito páginas, passando posteriormente a 12. Num primeiro período, fixa-se num noticiário mais institucional, divulgando-se as realizações do Sindicato, mormente na área assistência, como a construção da sede, convênios odontológicos, etc. "Iamos em meia dúzia de militantes panfletar nas portas de fábrica. No começo, os peões rasgavam o jornal mas depois passaram a aceitá-lo muito bem", explica o diretor do Sindicato Expedito Soares.¹²

Com o passar do tempo, depois que Lula toma a frente do sindicato, começam a ser discutidos temas mais pungentes e o jornal se torna mais vivo. Entretanto, por ser órgão oficial e porta-voz do Sindicato encontra algumas limitações: nos períodos de intervenção ou greve deixa de circular, tornando-se um veículo sem periodicidade definida.

O *ABCD* Jornal, editado pela sociedade Cultura ABCD, foi também um tablóide que serviu, durante certo período, como porta-voz do movimento operário, sendo considerado, inclusive pela diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos como a orientação oficial a ser seguida pelos trabalhadores. "Publicação alternativa de São Bernardo do

¹¹ Valdeci Verdelho, A nova imprensa sindical. In: Regina Festa e Carlos Eduardo Lins e Silva, *Comunicação Popular e Alternativa no Brasil*, Edições Paulinas, São Paulo, 1986, p. 81.

¹² Depoimento para elaboração desta pesquisa, colhido em 20/10/94.

Campo, acabou se transformando no jornal oficial da greve".¹³ Aparecem no jornal textos orientando os metalúrgicos quanto às atitudes que devem tomar durante a greve.

Depois das intervenções no sindicato, que impossibilitaram a regularidade da *Tribuna Metalúrgica*, O ABCD passou a exercer a função de orientar e informar a categoria, conclamando às assembléias e manifestações públicas.

O ABCD surgiu em 1976, criado por um grupo de jornalistas recém-saídos da Faculdade Casper Líbero, dentre eles o jornalista Júlio de Grammont, que viria a se responsabilizar posteriormente pelas publicações do Sindicato dos Metalúrgicos. Era um jornal semanal, em tempos normais, mas passou a diário nos momentos de grande mobilização dos trabalhadores, como as greves.

Em certo momento, inclui os símbolos do Sindicato como os bilhetes do João Ferrador. Nos períodos de greve 79/80 passa inclusive a ser financiado pelo Fundo de Greve, tornando-se diário e com tiragens que atingem até 100 mil exemplares. Devido à repressão policial e governamental, precisava ser impresso, nos períodos de greve, cada dia em uma gráfica, quer sindicais ou das comunidades de base.

Em outubro de 79, surge um segundo veículo do Sindicato: o Suplemento Informativo da *Tribuna Metalúrgica*, que vai se tornar muito importante. Assinado inicialmente pelo mesmo Antonio Carlos Feliz Nunes que era o jornalista responsável pela *Tribuna* mensal, era desde o começo de responsabilidade do Júlio de Grammont. O Suplemento, embora também órgão do Sindicato nasce de forma diferente, como veículo de informação do operário, que não é somente seu personagem mas seu autor. "Fato interessante é que o trabalhador não se via nos jornais, mesmo quando a imprensa falava do movimento operário", observa o jornalista Júlio de Grammont.¹⁴

Dentro da Scania, quando surgiu a greve de 78, havia um grupo de metalúrgicos que se organizou para acompanhar o noticiário. Combinaram de cada dia um comprar a *Folha de S. Paulo*, que era lida por todo o grupo e repassada para os demais companheiros. Surgiu, então, a idéia de procurar o sindicato para que fosse xerocado aquele material, atingindo mais gente. Júlio de Grammont foi chamado para organizar essa espécie de sinopse diária. Passou a produzir um boletim com tiragem inicial de 3 mil exemplares, com pauta própria. "Eles se conscientizaram sobre a questão da propriedade dos meios. Não adianta que a imprensa burguesa reproduza".¹⁵

Em nenhum momento, o Suplemento perde a identidade com os trabalhadores, que passam a encará-lo como seu veículo de comunicação. O Suplemento nasce em tamanho ofício, frente e verso, com qualidade de impressão ruim, feito em um tipo de mimeógrafo elétrico. Inicialmente, mostra apenas um clipping dos jornais diários, mas aos poucos vai incorporando notícias das fábricas, denúncias, informes diversos.

O conteúdo do boletim passou a refletir não somente as realizações do sindicato como acontecia com o tablóide *Tribuna Metalúrgica*, mas o cotidiano das fábricas, os problemas diários, desde as más condições do refeitório à falta de papel higiênico.

Também em termos de linguagem, os dois veículos oficiais do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo vão se distinguir. O texto da *Tribuna*, embora algumas vezes coloquial, guarda maior formalismo e obediência às normas gramaticais. No

¹³ Mercadante e Rainho, Op. cit. p. 189.

¹⁴ Em depoimento para a elaboração dessa pesquisa, em 3/11/1994.

¹⁵ Idem.

Suplemento, para conquistar o trabalhador, foi de vital importância o respeito à sua linguagem. As notas enviadas pessoalmente ou por carta ao Suplemento não tinham sua redação alterada.

O processo de distribuição também estava diretamente ligado à atuação dos operários, que levavam escondidos jornais e boletins dentro das meias ou calças, pois havia proibição de entrarem nas empresas. Em momentos de greve, porém, modificava-se o esquema de distribuição, já que os trabalhadores não estavam na fábrica. A entrega era feita nos bairros, nos corredores de ônibus, antes mesmo que o trabalhador se encaminhasse às fábricas. O impressionante de tudo isso era a rapidez com que mais de 100 mil exemplares eram distribuídos. A distribuição começava de madrugada e acabava antes do dia amanhecer. "Diante da dificuldade de distribuir os jornais e boletins, eram comum um exemplar ficar escondido no banheiro das fábricas, para ser lido por todos. Os próprios boletins traziam a orientação: «leia e passe adiante».

Cientes da importância da comunicação na mobilização dos operários os patrões passaram a produzir boletins de contra-informação, tentando inclusive enganar os trabalhadores, com informações falsas. Preocupados com o efeito nocivo desses boletins, o Sindicato se defende, soltando seus comunicados. "Não acredite nos boletins dos patrões nem nas informações dos rádios e televisões", avisam. "Os boletins falsos diziam que Lula tinha uma casa bonita no Morumbi e outras barbaridades, que nós ridicularizávamos". relata Expedito Soares.

Produtos de cultura

Um aspecto interessante a ser analisado no conjunto dessas produções culturais dos trabalhadores são os símbolos utilizados frequentemente. Dentre eles, podem ser destacados três: os braços levantados, João Ferrador e o Sombra.

Os braços levantados aparecem a todo momento, como manifestação de força e da vontade livre e autônoma dos trabalhadores. O mesmo braço que aciona a máquina, que faz repetitivos movimentos no seu dia a dia e caracteriza o operário enquanto operário braçal e não intelectual, surge como elemento e símbolo de sua liberdade e possibilidade de conquista.

João Ferrador é o personagem que simboliza o metalúrgico. Aparece em maio de 72, na *Tribuna Metalúrgica* mandando bilhetes "às excelentíssimas autoridades máximas do meu Brasil grande e potente. É idealizado por Fortuna e desenhado por Vargas, acompanhado do slogan "Hoje não tô bom". Serve-se, portanto, da ironia contida, comportada, para alfinetar os donos do poder. Não desafia diretamente, não revoluciona, apenas reforma. Segundo Eder Sader, Ferrador representa "o bom senso do operário comum, dirige-se respeitosamente mas com desenvoltura às autoridades".¹⁶

Com a greve de 79, João Ferrador passa a ser conhecido. Aparece em camisetas e em todas as publicações do sindicato. Na campanha salarial de 1980, o personagem assume uma postura mais incisiva. Torna-se mais revolucionário ao mudar de endereço. Com a intervenção no sindicato e impossibilidade de circulação da *Tribuna*, passa a ser visto no *ABCD Jornal*.

¹⁶ Eder Sader, Op. cit, p. 189.

Já outro personagem criado pelos veículos de comunicação dos metalúrgicos surge no Suplemento. É o Sombra. O operário anônimo, também herói, que denuncia, através de notas redigidas do próprio punho, o chefe adulator e as más condições de trabalho nas empresas. O Sombra nasce na Scania mas se populariza em outras fábricas, dando frutos como o Sombrinha, ou o Sombra da Ford. Eles vêem tudo mas não são vistos. Sem dúvida uma posição ideal para qualquer trabalhador. Por ser onipresente, ver as eventuais tramóias e poder se defender.

É interessante como o personagem se desdobra em vários, tornando-se uma espécie de herói, que se esconde atrás de uma identidade desconhecida, assim como todos os heróis do imaginário criados pelas histórias em quadrinhos. Sem o poder efetivo, oprimido no seu dia-a-dia, o trabalhador é capaz de vencer o chefe, vigiá-lo, tê-lo sob controle através do Sombra. Talvez nesse sentido, se constitua num herói mais efetivo do que João Ferrador, que é expectador dos atos e fatos, restando-lhe a ironia. Já o Sombra é quase real, uma identidade imaginária para pessoas de carne e osso.

Como se pode perceber, nesse período de 1978/80, os jornais produzidos pelos operários e sindicalistas de São Bernardo assumiram fundamental importância para o êxito dos movimentos que realizaram, uma vez que serviram para conclamar, congregar a categoria para atender às decisões de seus líderes, orientando os operários nas ações coletivas que deveriam tomar para o avanço do movimento. O jornal deixa de ser um relato imparcial dos fatos, como se pretende a grande imprensa e passa a ser, além de testemunha d história, um participante do movimento operário e uma voz de comando. "O jornal era um fio condutor, que costurava tudo", observa o jornalista Julio de Grammont.

Através desses veículos de comunicação, podemos ver emergindo uma outra versão dos fatos que não aquela apresentada pela classe dominante e apresentada na grande imprensa. E, o que é mais importante, é que esses boletins e jornais representaram um momento em que o próprio trabalhador participou das forma de produção, dando-lhes não só significado como instrumento de luta mas também como instrumento de cultura.

Novos temas no jornalismo sindical

A imprensa sindical, porém, assim como o movimento operário tem passado por transformações profundas neste final de século. Os movimentos de resistência e confronto tem dado lugar a negociações e entendimentos entre trabalhadores e empresários. Da mesma forma, vários veículos da imprensa sindical tem se tornado mais abertos, deixando o modelo clássico de apenas abordar a luta por melhores salários para introduzir em seus veículos temas ligados à ciência e tecnologia, por exemplo.

Dois jornais ligados a sindicatos do ABCD podem ser enquadrados nesse novo tipo de imprensa sindical: o jornal semanal *Sindiquim*, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, Petroquímicas, Farmacêuticas, Tintas e Vernizes, Plásticos e Resinas Sintéticas, Explosivos e similares do ABCDMRP,¹⁷ e a *Tribuna Metalúrgica*, diária, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Ambos apresentam estrutura jornalística,

¹⁷ ABCDMRP é a sigla que inclui, além dos tradicionais municípios do ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano) as cidades de Diadema, Mauá e Ribeirão Pires.

tratando de diversos temas sob a forma de editoriais, notas, notícias, reportagens e caricaturas. Priorizam as questões políticas e econômicas, mas apresentam outros assuntos como a preservação do meio-ambiente, tecnologia, cultura, etc. Além disso, tanto o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas quanto o Sindicato dos Metalúrgicos têm publicação voltada para a área de saúde: o *Sindiquim Saúde* (sem periodicidade definida) e o *Tribuna Saúde* (quinzenal).

Foram analisados, na pesquisa feita com os dois jornais, 48 exemplares, tanto do *Sindiquim* semanal como da *Tribuna* diária, detectando-se grande interesse dos veículos pela questão da saúde, mesmo fora dos boletins específicos. Excluindo-se a AIDS, que aparece como problema mundial da atualidade, o tema saúde, dentro do universo operário, relaciona-se, com frequência, às doenças adquiridas no local de trabalho, como as lesões por esforço repetitivo (LER), contaminações com produtos químicos, surdez pelo barulho de máquinas ou, ainda, acidentes provocados pelo uso incorreto de máquinas ou más condições de trabalho.

As notícias são carregadas de insatisfação dos operários em relação aos patrões, que exploram a força de trabalho sem dar condição de segurança. Nesse contexto é que eles fazem paralelos entre a questão da qualidade total e a qualidade de vida. Para os operários, a qualidade significa boas condições de trabalho, sem perigo de vida.

O tema meio-ambiente também aparece com frequência nos jornais citados, principalmente no *Sindiquim*, devido à própria natureza do trabalho de seus associados, que estão em contato direto com produtos que causam danos à biosfera e muitas vezes despejados na natureza indiscriminadamente pelas indústrias. A poluição da represa Billings é outro assunto comum nos dois jornais, até porque o problema já faz parte do cotidiano dos moradores do ABC.

As matérias sobre meio-ambiente mostram aos leitores outros problemas como a poluição mercurial e explicam a ação tóxica do produto nos homens e natureza e como as empresas poderiam evitar catástrofes. Em alguns casos, assemelhando-se a revistas científicas, os jornais valem-se da comprovação de cientistas sobre fatos ocorridos, como no caso de uma explosão na Petroquímica União, quando houve um relatório da Unicamp/Fundesp sobre as causas do acidente.

As discussões sindicais sobre meio-ambiente colocam os dois lados nas relações entre sindicato e empresários. Os patrões e suas fábricas são aqueles que prejudicam a natureza e conseqüentemente a saúde humana em nome do capital. Já os operários são os que se submetem em nome da sobrevivência, embora tenham consciência dos perigos que eles e suas famílias e toda a comunidade podem estar sofrendo. Portanto, são também lutadores por um mundo mais saudável e vivo.

Se é tema polêmico na sociedade em geral, o avanço tecnológico causa ainda maiores discussões junto àqueles que trabalham no fazer de novas tecnologias, que estão diariamente convivendo entre máquinas e homens. Tecnologia para o mundo operário são as máquinas que os trabalhadores tem que operar todos os dias e que também são frutos de seu trabalho nas montadoras.

Nas matérias analisadas no *Sindiquim* e na *Tribuna*, as máquinas aparecem, quase na totalidade das vezes em que o tema tecnologia é abordado, como inimigas, pois estão sempre descontroladas, fazendo vítimas. Por outro lado, as máquinas simbolizam maior terror ainda quando colocam em risco o emprego do trabalhador. A

fascinante chegada dos robôs, como peculiaridade da modernização das sociedades, não é muito bem aceita pelo operários. As máquinas, em vez de tornar mais leve o trabalho, acabam trazendo mais pesos para a vida do operário.

A percepção de que o patrão, quando investe em tecnologia, apenas pensa nos lucros, e ignora condições do trabalho operário, expressa-se em matérias como "Linha de montagem: revolução na Volvo?", publicada no número 1543 da *Tribuna Metalúrgica*. Afinal, tecnologia e poder também estão relacionados. Nas indústrias, a introdução de novas tecnologias permite o aumento da produtividade e, conseqüentemente, maior potencial de concorrência no setor. É aí que o trabalhador sente-se mais oprimido, pois, além do domínio dos patrões, tem ainda que se submeter a robôs e máquinas que conseguem "fazer", produzir mais que eles, e que ameaçam sua pretensa estabilidade.

Quando o operário trabalhava artesanalmente era ele quem dominava os instrumentos de trabalho, mas com o advento das indústrias, ele passa a ser auxiliar das máquinas. Acontece, então a subordinação do trabalho humano aos equipamentos automáticos.

A maquinaria representa um símbolo de poder. É o poder dos patrões sobre os empregados, o poder do capital sobre o trabalho, dominante sobre o dominado. A introdução de novas tecnologias cria um ambiente de instabilidade e tensão junto ao operário mas ele tem consciência que é uma característica da era em que vive.

Assuntos como esse passam, portanto, a ser discutidos pela imprensa sindical, que está conseguindo se despir daquela velha roupagem hermética. A introdução de um novo modelo de jornalismo trouxe aspectos positivos para a organização dos operários; a percepção de outros setores ligados à vida operária, que não a luta por melhores salários ou redução de jornada de trabalho.

Sem ignorar esses assuntos que, sem dúvida, são de importância vital para o movimento operário, os jornais *Sindiquim* e *Tribuna Metalúrgica* são exemplos de veículos que inseriram outras reivindicações: melhores condições de vida, sem poluição de fábricas, com emprego garantido junto às máquinas.

Saúde e meio-ambiente são temas que fazem parte das preocupações atuais da sociedade, e principalmente dos operários que trabalham em condições insalubres. Ninguém quer ter doenças, ou águas e rios poluídos, por exemplo.

Contudo, a constatação que se faz, quando se estuda o tema tecnologia nos jornais operários, é de uma visão bem díspar da sociedade em geral, que encara as novidades tecnológicas como uma coisa espetacular e futurística. Ao contrário, os operários acabam por viver conflitos diante da máquina, que é o patrão simbolizado. Ou se adapta ou é despedido. E o jornal sindical passa a ser justamente essa mediação entre classe operária e sociedade, trabalhador e patrão, ou seja, um instrumento extremamente necessário à organização classista.

"Que sabedoria é essa?" - A militância operária-cristã do ABC paulista.

Na organização da memória histórica de lutas pela dignidade de vida e melhores condições de trabalho, a militância operária-cristã do ABC paulista contribuiu no esforço de gestar uma nova sociedade mais humana e humanizante. A redescoberta

do cultural nas lutas operárias é central ao entendimento da resistência dos trabalhadores, pois sua história sempre foi silenciada porque contada por outros (PAOLI, Maria Célia, "Os trabalhadores Urbanos na fala dos Outros)". Para resgatar a voz da militância operária-cristã das classes trabalhadoras do ABC foram realizadas diversas entrevistas com ex-militantes de várias fases e épocas do Movimento Operário da Igreja Católica:

- Edemea Carollo Meirellis, ex- militante jocista (Juventude Operária Católica);
- Anastácio Brolezzi, ex-jocista e um dos fundadores da ACO (Ação Operária Católica) de Santo André e região;
- José Mahon, sacerdote francês, atuando no ABC paulista desde 1961 (33 anos dedicados à militância e defesa da causa operária);
- Sebastião Marçal (Tião), atual membro da Coordenação Nacional da Pastoral Operária e coordenador da Pastoral Operária da Diocese de Santo André.

Além dos depoimentos dos militantes sobre as lutas e a Cultura Operária, o desenvolvimento e atuação dos grupos estão documentados em recortes e jornais, diversas agendas anuais com a programação dos militantes, endereços de testemunhas vivas e bibliografia pertencente a Pastoral Operária de Santo André, localizada em sua sede administrativa. A obra de Heloísa H. T. Souza Martins, "Igrejas e Movimentos Operários no ABC" (São Caetano do Sul) é tomada como referência e contraponto.

Movimentos e grupos organizados

- Juventude Operária Católica - JOC, nascido em 1946;
- Ação Operária Católica - ACO, 1960;
- Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, 1968
- Pastoral Operária, hoje.

Esses grupos lutaram e ainda lutam para recuperar o direito à palavra. Podemos enunciar sua luta em quatro grandes momentos:

1. O primeiro movimento, (1948 a 1964) sob o carisma do Cardeal Cardijn, fundador da JOC desenvolveu-se forçado à clandestinidade pela repressão política, principalmente do DOPS.

2. No segundo movimento (1964 a 1978) destaca-se o trabalho dos grupos: JOC e ACO, que por força da ação repressiva articulam-se nas CEBs. O trabalho é desenvolvido dentro das igrejas, com cunho eminentemente reivindicatório usando o canto (" Grita, meu povo, grita / Como grita o profeta Amós / Porque o mundo inteiro/ precisa de tua voz") e também a linguagem muda , mas ostensiva de mensagens em camisetas que invadem o país. Nessa época, os bispos da América Latina erguem-se contra pobreza institucionalizada.

3. O terceiro movimento (1978 a 1982) é o tempo da força política do Sindicato combativo e livre. Símbolo maior: as greves e campanhas de alimentos para o Natal dos grevistas atingidos. Muitos presos, torturados, sem calar a voz, mesmo na prisão. Luís Inácio da Silva, o Lula, da Pastoral Operária, torneiro mecânico, cristão-operário do ABC se torna porta-voz da classe trabalhadora.

4. O quarto movimento (1982 a 1994) traz a marca da CUT - Central Única dos Trabalhadores. A comunicação da JOC inicia sua fundamentação na trilogia Ver-Julgar-Agir, acrescentando, posteriormente, mais dois importantes aspectos : Avaliar-Celebrar, como o conhecimento da realidade histórica para um processo transformador. Na fala do Cardeal Cardijn "é preciso divulgar a outra face" do Brasil, que é a cultura operária. Os padres operários, segundo depoimento dos militantes, transformaram o ABC paulista num verdadeiro laboratório onde se começou a gestar uma nova face da igreja.

Alguns dos valores da militância operária-cristã do ABC:

- Respeito pela diversidade cultural - com a finalidade de recuperar a dignidade dos que se consideram inferiores.

- Fé no homem e em Deus - expressa no crédito às capacidades humanas, independentes de classe social, raça, sexo, idade, crédito político e religioso.

- Honradez e cidadania - como orientação para não aceitarem cooptações, subornos, promoções pessoais, preferindo a demissão do emprego em fidelidade aos companheiros e à causa operária.

- Criatividade perspicaz - as reuniões são marcadas através de mensagens criativas, sinônimo de risco por amor à causa.

- Consciência da força da classe operária organizada - Símbolos maiores: o slogan "Operário unido jamais será vencido", acompanhado do gesto firme e cadenciado dos punhos cerrados e erguidos.

- Os signos (símbolos) da Classe Operária: a estrela na bandeira do partido, significando relações de poder.

- A própria região do ABC - Capital Nacional e transnacional da possibilidade de mudança pela organização e participação dos trabalhadores.

- Capacidade política de autêntica organização popular.

- ABC - como símbolo-protótipo da organização para conquistas operárias do país.

Rupturas Epistemológicas

"... O primeiro critério das opções metodológicas é de natureza epistemológica... Todavia, propomos não aceitar passivamente tudo aquilo que foi construído no campo epistemológico, ... mas transgredir a epistemologia como nova maneira de entender e interpretar os novos fenômenos da comunicação"(CARDOSO, Onésimo - "Os paradigmas no ensino da Comunicação: a transgressão epistemológica", 1992).

Ao olhar estático, teleguiado da viseira capitalista é difícil ver as rupturas que ocorrem na prática cotidiana dos trabalhadores do ABC, desde os anos 50 e com maior expressão a partir dos anos 70. O desenvolvimento da cultura operária do ABC resulta do não direito das classes subalternas de fazerem ouvir sua voz. Se no terceiro mundo, comunicação é sinônimo de poder, só quem pode "sabe" e comunica e pode comunicar.

A militância operária-cristã introduz vida nova no interior da Igreja, levou e leva à conversão membros da hierarquia, levando-os a escutar o clamor dos operários. Ruptura teológica básica.

A consciência da ordem néo-liberalista e suas articulações para impedir possíveis articulações com a imposição alienante. Obediência e questionamento simultâneo da própria Igreja que assessora a militância, em sua lógica capitalista excludente:

- a universalização do catecismo, como controle das seitas;
- a comercialização dos bens espirituais, como alusão às secretarias das paróquias;
- pregação que induz à resignação dentro da ordem injusta estabelecida. Pregação exalta a "sacrifício" do trabalhador.

- CEBs - As Comunidades Eclesiais de Base desenvolvem-se a partir da cultura dos subalternos, um novo modo de ser da Igreja. "Rompe com a necessidade que obriga a cada uma das instituições sociais, no caso da Igreja Católica Romana, de buscar sua universalidade, para que não perca a legitimidade de valer "igualmente" para todos, o que lhe retiraria o poder sobre os homens". (CHAUI, Marilena- "Nota sobre a cultura popular, 1980).

- A dignidade acima de tudo - No sistema capitalista o objetivo primeiro e último é o lucro. A pessoa do trabalhador, tratada como mercadoria, ouve: "você não são besta de carga, mas filhos de Deus. Lutem por esta dignidade." (Cardeal Cardjin)

- Ruptura: subordinação do trabalhador ao capital. Os desempregados de Santo André (diocese) se articulam buscando, a partir da situação do desemprego, alternativas comuns e não apenas pessoais. A Pastoral Operária de Santo André tem a cara do operário desempregado.

- Ruptura: uma das prioridades da PO do ABC é a formação com "o pé no chão" (Tião, Sebastião Marçal).

Como complemento informativo, anexamos um suplemento com publicações das Pos e depoimentos e documentos sobre o trabalho da Igreja, sua repercussão e indicação bibliográfica sobre o assunto.

A "Impressão" do Peão Político

Como desenvolvimento natural de todo o trabalho de conscientização empreendido pelos diversos segmentos sociais, as lideranças operárias começam a disputar cargos eletivos (PT). Na análise da comunicação visual gráfica dos impressos de campanhas eleitorais temos um novo panorama social a partir das eleições realizadas na década de oitenta.

De modo geral, a população brasileira não participa das grandes decisões políticas, seja no âmbito do Município, do Estado ou da Nação. A importância dos movimentos políticos dos trabalhadores e populares do ABC paulista é justamente dar início à participação direta ou indireta de intelectuais, políticos e operários na composição de uma nova "massa crítica", que não ficou apenas na relação capital/trabalho ou outras reivindicações específicas. Daí surgirem representantes populares que passaram a disputar e ocupar espaços políticos. Para analisarmos a o papel da divulgação dos candidatos de origem popular e operária dessa região realizamos a pesquisa em São Bernardo do Campo, principalmente através da atual representação na Câmara Municipal de Vereadores dessa cidade. A maior concentração de pessoas com este perfil, está sem dúvida no Partido dos Trabalhadores - PT, agremiação partidária que surgiu em 1980, forjada nas lutas populares já citadas.

Mudança da configuração partidária

A partir dos anos oitenta, uma nova configuração política começa a existir no Brasil. Após 20 anos de ditadura militar, os generais começam a deixar o poder. Nesse período de "abertura" política lenta e gradual, vários movimentos contestatórios estão em atividade e também vários setores da sociedade civil estão se organizando ou reorganizando, num momento de intensa participação na redemocratização do país.

O bipartidarismo que existiu durante o regime militar (MDB, oposição e ARENA, situação) chega ao fim e dá lugar a um novo quadro político partidário: PMDB, PDS, PDT, PTB e PT, primeiramente.

O PT passa a aglutinar principalmente sindicalistas, trabalhadores, intelectuais, setores progressistas da Igreja e alguns setores organizados da "esquerda" brasileira. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, hoje, Sindicato do ABC, teve papel importante como entidade condutora do movimento sindical, além de proporcionar condições para que os operários e líderes da categoria entrassem para a "carreira" política institucional.

Os eleitos

Relacionamos os políticos do PT de São Bernardo do Campo, eleitos nas disputas realizadas a partir de 1982 até os dias de hoje. O recorte da cidade obedece tão somente o interesse didático.

<i>Candidatos</i>	<i>Eleição</i>	<i>Histórico</i>
Luis Inácio Lula da Silva -	1982	Candidato a Governador, teve cerca de um milhão e meio de votos, ficando em quarto lugar.
	1986	Eleito Deputado Federal com cerca de 700 mil votos.
	1989	Candidato a presidente da República. Disputa o 1º e 2º turnos, não é eleito.
	1994	Candidato pela 2ª vez a Presidência da República. Fica em 2º lugar, não é eleito.
Djalma de Souza Bom -	1982	Eleito Deputado Federal
	1988	Eleito Vice-Prefeito de S. Bernardo do Campo
	1992	Candidato a prefeito, não é eleito.
	1994	Eleito Deputado Estadual.
Expedito Soares -	1982	Eleito deputado Estadual
	1986	Reeleito Deputado Estadual
Wagner Lino -	1982	Eleito Vereador
	1988	Eleito para o 2º mandato de Vereador

	1992	Eleito para o 3º mandato de Vereador
	1994	Eleito Deputado Estadual
Aldo Santos	- 1982	Candidato a Vereador, não eleito.
	1988	Eleito Vereador
	1992	Eleito para o 2º mandato de Vereador.
José Ferreira	- 1982	Eleito Vereador
	1988	Eleito para o 2º mandato de Vereador
	1992	Eleito para o 3º mandato de vereador
Ana do Carmo	- 1982	Eleita Vereadora
	1988	Eleita para o 2º mandato - Vereadora
	1992	Eleita para 3º mandato - Vereadora
Alberto de Souza	- 1982	Vereador por três mandatos
	1988	
	1992	

Introdução à reflexão sobre a produção gráfica dos "novos" políticos

Baseados em observações pessoais, fruto de experiência profissional, procuramos identificar os elementos visuais gráficos dos impressos, levando em conta alguns elementos da semiótica e, ainda, os cruzamentos possíveis com a questão da indústria cultural, procurando entender aspectos entre forma e conteúdo. As peças gráficas: catálogos, folhetos, cartazes, revistas, jornais, panfletos contuibuem para uma certa "banalização" da comunicação impressa. E, são importantes documentos, registros de uma época, refletindo as condições em que foram produzidos e a identidade visual gráfica.

A análise foi dividida em dois campos: Linguagem Gráfica e Técnicas de Produção. A classificação inicial foi feita da seguinte forma: Tipologia (letras e famílias, Corpo, Formatos, Grau de Legibilidade, etc); Utilização de Fotos e Ilustrações; Utilização de Logotipos, símbolos, etc.; Diagramação (estabelecimento de colunas, simetria, distribuição dos elementos gráficos na página levando em conta os princípios determinados pelo planejamento do design do produto); Uso de Tarjas, Fios, Box, etc, Formato de página; Uso de cores, tons e texturas. Não foi analisada a questão de texto na abordagem específica da ênfase linguística, mas sim, o conteúdo para compreensão pois, juntamente com a forma, estão integrados na mensagem gráfica.

Com relação aos aspectos Técnicos de Produção podemos classificar em: Editoração, Composição e Arte Final (Qual o recurso usado para fazer a matriz do trabalho, Tipos de composição, Arte final, Past-up, Editoração Eletrônica, Computação Gráfica, etc) Tipos de Impressão (tipográfico, offset, rotogravura, flexogravura, etc); características do papel (Gramatura, formatos); Acabamento (dobras, cadernos, corte, faca, plastificação, etc), item que muitas vezes faz parte do projeto inicial do trabalho de design. Todos esses aspectos são analisados levando-se em conta o fato de das campanhas serem empreendidas por um partido pequeno e pobre, que pode ter-se transformado ao longo dos 14 anos de existência, mas que geralmente foi financiado

pela própria base, deixando aspectos técnico e de acabamento em segundo plano, para otimizar gastos.

A maior parte do material analisado era de cunho artesanal. Composição em máquina de escrever, utilização de mimeógrafos, arte final feita com recursos baratos, impressão em camisetas, pintura manual ou serigrafia, confecção de faixas de acordo com a habilidade de pessoas disponíveis. O PT, em alguns momentos, distribuiu cartilhas que explicavam a concepção e o produção de determinados materiais e técnicas, como fazer inclusive o logotipo do partido. Todos os produtos sempre foram feitos com certa unidade de concepção, embora o improvisado e o amadorismo andassem lado a lado com o tratamento elaborado e profissional de algumas peças. A contribuição do PT para o marketing político brasileiro, foi a criação e uso do logotipo em partidos. A estrela de cinco pontas é sua marca registrada.

A estrela faz parte do universo simbólico das pessoas e está no universo real, entre tantas outras. Representa a beleza e o impossível de ser atingido, ocupando seu espaço no céu. A estrela do PT sonha em ocupar o espaço do universo político brasileiro. Ela deu marca e unidade ao partido. A estrela vazada em branco, sob o vermelho das bandeiras dava o tom de desafio e ousadia aos comícios, dentro da tradição da esquerda mundial, no contexto opressivo da época. Tudo isso precisa, hoje, ser revisto com olhar respeitoso sobre o passado recente e interesse em dialetizar a luta política, que compõe o processo de comunicação.